RESENHA DO LIVRO “*A Insustentável Leveza do Ser” (*Milan Kundera, 1984)
Karoline Silva

Estamos atolados! Atolados até o pescoço com o fardo que a humanidade criou para nós, a sociedade moderna. De nossas mentes extrapola o universo kitsch coletivo, criado há milénios por homens muito bem entendidos sobre a dependência, sobre a servidão, sobre o entregar seu destino à promessa de inserção social. Desde as entranhas do físico até a pureza da alma, estamos imersos, inseridos e impregnados com os ideais do nosso kitsch coletivo, com a vida feliz, harmoniosa e de sucesso que nos é proposta antes mesmo da nossa consciência do ser. Dizem com toda certeza que ao realizar isto ou aquilo de tal forma, que correr atrás dos seus sonhos por este ou aquele caminho, nos levará a ascensão, ao reino máximo do prazer para o homem, o universo intrínseco da beleza material, das lojas e vitrines, do poder consumi-los como se oferecesse à sua alma aquilo.

Em uma instância, temos o fardo pulsante, o peso aterrorizador, de ser um bom profissional, um bom estudante, uma boa pessoa, cumprir com seus deveres, obrigações e responsabilidades, ter sucesso no amor, na família, no jogo, na vida! E como se fosse um toque de mágica ser incrivelmente feliz, como nas telas dos grandes filmes de cinema, onde as pessoas se beijam no crepúsculo e cantam lindas canções. E nem por longe, perder a cabeça, torna-se louco. Isso seria a subversão, a traição ao trato feito entre a essência do ser e o kitsch coletivo, a vida estrategicamente planejada e criada há milénios por homens que se julgavam mais entendidos.

Por outro lado, muito mais devorador está a nossa leveza, ou melhor, o desejo de alcança-la em sua plenitude. Está a vontade de voar, a vontade de trilhar seu caminho a partir do que lhe interessa e não do que lhe é imposto, o desejo ímpeto de ser livre, livre pelo ser, livre de alma e livre de corpo. Este desejo latente por nossa leveza está se tornando cada vez mais pesado, transcendendo algumas vezes, o nosso próprio fardo. A necessidade de ser pelo ser germinou há muito na consciência dos seres, nota-se correndo nas veias dos mais jovens de pensamento a seiva desta semente há muito germinada. O desejo de beijar sob a luz do crepúsculo, correr por entre flores, cantar lindas canções ainda está interligado aos anseios da leveza, mas talvez esteja tornando-se menos ludibrioso, intangível e sonhador para passar a ser mais pertencente do nosso universo tangível, fazer não porque está é a ideia da felicidade, fazer porque vivemos felizes, sem o insustentável peso que temos que carregar há milénios, sobretudo havendo a obrigatoriedade de reproduzi-lo e aumenta-lo para o futuro. O futuro este que agora já não quer pertencer ao futuro. O clamor da essência humana, intimamente ligado à nossa criadora, o fundamento da matéria-prima, de onde pertencemos e para onde vamos, vislumbra e admira a fenda rasgada no plano de tela do sistema, cada vez mais próximo a rompê-la por completo.